



# A educação em saúde como estratégia de prevenção de agravos e doenças no ambiente escolar

Health education as a strategy to prevent diseases in the school environment

Ana Eliza de Carvalho Fonseca  
Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Maranhão  
anaelizacf@outlook.com

Rayssa de Oliveira Dominice  
Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Maranhão  
rayssa.dominice@gmail.com

Ariane Cristina Ferreira Bernardes Neves  
Enfermeira. Mestre em Saúde Coletiva. Docente da Universidade Federal do Maranhão  
ariane\_bernardes@hotmail.com

Anne Karine Martins Assunção  
Bióloga. Mestre em Ciências da Saúde. Docente da Universidade Federal do Maranhão  
karine.assinka@gmail.com

## RESUMO

Este relato apresenta a experiência dos integrantes do projeto de extensão “Ações interdisciplinares de educação em saúde na comunidade próxima à UFMA, em Pinheiro – MA”, acerca das atividades educativas desenvolvidas com turmas dos ensinos fundamental e médio de duas escolas públicas do município de Pinheiro, Maranhão. As ações abordaram a educação no trânsito, infecções parasitárias, uso de álcool e drogas, sexualidade e aborto. Apesar da abordagem sobre diversos assuntos, buscou-se trabalhá-los adequadamente com cada público contemplado, utilizando-se recursos materiais, atividades dinâmicas e linguagem apropriadas para os encontros. A dinamicidade das ações fomentou o debate, o compartilhamento de experiências, o esclarecimento de dúvidas e a interação entre os integrantes do projeto e os escolares. Tais aspectos foram fundamentais para corroborar a ideia de que crianças e adolescentes podem desenvolver senso crítico e atuar como protagonistas no processo de promoção à saúde, prevenção de agravos e busca pela qualidade de vida.

Palavras-chave: Educação em saúde. Criança. Adolescente. Promoção da saúde.

## ABSTRACT

This report presents the experience of the members of the extension project “Interdisciplinary actions of health education in the community near UFMA in Pinheiro - MA” about the educational activities developed with groups of primary and secondary education of two public schools in the municipality of Pinheiro, Maranhão. The actions covered traffic education, parasitic infections, alcohol and drug use, sexuality and abortion. Although they dealt with diverse subjects, it was tried to work them adequately with each contemplated public, using material resources, dynamic activities and language appropriate for the meetings. The dynamism of the actions stimulated the debate, the sharing of experiences, the clarification of doubts and the interaction between the members of the project and the students. These aspects were fundamental to corroborate the idea that children and adolescents can develop critical sense and act as protagonists in the process of health promotion, prevention of diseases and search for quality of life.

Keywords: Health education. Kid. Teenager. Health promotion.

## INTRODUÇÃO

Instituído pela Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera “criança o indivíduo de até 12 anos de idade incompletos e adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade”. Estabelece um panorama de proteção integral para crianças e adolescentes que, sem distinção de raça, cor ou classe social, são reconhecidos como sujeitos de direitos. Em consonância a isso, o artigo 11 do mesmo regimento “assegura o atendimento integral a esses indivíduos, por intermédio do Sistema Único de Saúde, garantindo o acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação da saúde” (BRASIL, 1990).

Sabemos que crianças e adolescentes defrontados pelo “abandono ou afastamento do convívio familiar, fragilização dos vínculos afetivos, abusos, violência e exploração de suas forças de trabalho, vivenciam situação grave de vulnerabilidade social” (PEREIRA & ENI, 2013). Essa conjuntura remete à ideia de fragilidade e dependência, especialmente em indivíduos de menor nível socioeconômico, tornando-os muito submissos ao ambiente físico e social em que se encontram. Em determinadas situações, “o estado de vulnerabilidade pode afetar a saúde, mesmo na ausência de doença, mas com o abalo do estado psicológico, social ou mental das crianças e dos adolescentes” (FONSECA et al, 2013).

Dessa forma, reconhecendo tais iniquidades e violações ao ECA, “torna-se necessário ponderar acerca das políticas de atenção em saúde voltadas para a infância e para a adolescência, a fim de minimizar as situações de vulnerabilidade e contribuir para a qualidade de vida desses sujeitos” (GOMES et al, 2015). Uma iniciativa de oposição à fragmentação dessas políticas de saúde é a “intersectorialidade”, compreendida como a articulação entre diferentes setores e atores, compartilhamento de poderes e de saberes, com o objetivo de atuar, de forma integrada, sobre problemas e demandas em busca de melhoria na qualidade de vida” (SOUSA, ESPERIDIAO & MEDINA, 2017).

Nesse sentido, “o Decreto Presidencial nº 6.286 instituiu, em 2007, o Programa Saúde na Escola (PSE) que veio como uma estratégia para a integração e a articulação permanente entre as políticas de educação e de saúde”. Seu propósito é “ampliar as ações dirigidas aos alunos da rede pública de ensino, articulando os setores públicos básicos de saúde e de educação, contribuindo para a formação integral dos estudantes e desenvolvendo ações de prevenção, promoção e assistência” (SOUSA, ESPERIDIAO & MEDINA, 2017, p.1782).

Considerando a relevância de propiciar intervenções educativas para esse público no espaço escolar como ferramenta de garantia de promoção à saúde, as ações extensionistas podem adquirir papel importante nesse contexto. Instituído em 2003 pelo Ministério da Educação (MEC), “o

Programa de Extensão Universitária (ProExt) objetiva apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas” (PINHEIRO, DA CRUZ & CHESANI, 2016).

Portanto, caracterizam-se pela produção de conhecimento aliado na troca de saberes - o popular e o acadêmico. É o retorno à sociedade do conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa desenvolvidos pela instituição. Neste espaço de extensão, “o acadêmico aproxima-se da educação em saúde e da promoção da saúde, veículos importantes para a minimização da miséria e das desigualdades no Brasil” (BISCARDE, PEREIRA-SANTOS & SILVA, 2014).

Sob essa perspectiva, o projeto de extensão universitária denominado “Ações Interdisciplinares de Educação em Saúde na comunidade próxima à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em Pinheiro - MA” desenvolveu algumas de suas ações, que visam educação, promoção à saúde e prevenção de agravos e doenças no ambiente escolar.

“A cidade localiza-se na microrregião da Baixada Maranhense e a população residente correspondente a 78.162 habitantes”, segundo o IBGE, 2010. “A taxa de analfabetismo dentre os residentes no município alcança 17,3%, superando a média nacional (9,4%). Além disso, apenas 49,7% dos domicílios apresentam fossa séptica, o que evidencia a fragilidade no que se refere às instalações sanitárias do município” (BRASIL, 2010).

Os dois eixos temáticos desenvolvidos com as crianças do ensino fundamental foram Prevenção às Parasitoses e Educação no Trânsito, dois pontos de grande relevância no contexto social da comunidade.

No que se refere à contaminação por doenças parasitárias, as estimativas são preocupantes, “indicando que cerca de um terço da população mundial esteja parasitada e que apenas 10% dessa população apresente sintomas ocasionados pela parasitose. Destas, cerca de 155.000 pessoas morrem em decorrência de complicações causadas pela enfermidade” (LUCERO et al, 2015). “Na América Latina, as infecções causadas por helmintos chegam a 30%, sendo ainda responsável por cerca de 49,9 milhões de mortes” (STRECK & SALVADOR, 2018). “As crianças representam o grupo mais suscetível a essas contaminações, uma vez que estão constantemente em contato com o solo, levando a mão até a boca, e ainda não realizam os hábitos de higiene de maneira adequada” (PEDRAZA, QUEIROZ & SALES, 2014).

No que diz respeito aos acidentes de trânsito, estes constituem uma verdadeira e urgente questão de Saúde Pública no mundo moderno. Segundo o Código de Trânsito Brasileiro, nos artigos 74 a 79,

“A Educação de Trânsito é direito de todos e constitui dever prioritário do Estado garantir um espaço de circulação mais equitativo, mais humano e mais seguro, expresso na Constituição Federal de 1988, título II, Artigo 5º, inciso XV, que zela pelo direito de ir e vir com liberdade e segurança” (BRASIL, 1988).

Para com os adolescentes do ensino médio, os eixos temáticos trabalhados foram relativos à sexualidade e à Prevenção ao uso do álcool e de outras drogas ilícitas. “A adolescência é considerada uma fase de tensão e descoberta devido às inúmeras transformações físicas e biológicas concomitantes às psicológicas e sociais, próprias da fase” (CARNEIRO et al, 2015).

Atentar para sexualidade desse grupo etário é uma necessidade que pode contribuir para reduzir problemas no que diz respeito à sua vida pessoal e social. Salienta-se o papel fundamental da escola em sua educação sexual, garantido pela Lei nº 60/2009, “que inclui a matéria no currículo do ensino básico”. Esse é considerado um “ambiente adequado para a aprendizagem não só da anatomia e da fisiologia do corpo humano, de métodos de prevenção da gravidez precoce e das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), mas também para o desenvolvimento de sua autonomia” (CARNEIRO et al, 2015,p.105).

As ações sobre sexualidade focalizadas para esses estudantes devem se desenvolver no sentido de informar sobre a complexidade do tema em âmbitos social e pessoal. Além disso, deve abranger tanto a “prática do sexo como as consequências, explanando sobre assuntos como gravidez precoce, aborto, infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos” (VIERO et al, 2015).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, “cerca de 250 milhões de pessoas consomem drogas em nível mundial. Dessas, cerca de 29,5 milhões de pessoas — ou 0,6% da população adulta global — apresentam transtornos relacionados ao uso de drogas”, incluindo a dependência (OMS,2015). Nas últimas décadas, os indicadores sugerem que o abuso dessas substâncias vem tomando dimensões ainda mais preocupantes, por vezes trazendo sérios prejuízos à população, principalmente a adolescentes e adultos jovens. “Os prejuízos vão desde mudanças comportamentais do indivíduo até o aumento dos casos de violência na sociedade” (PEDROSA et al, 2015). O intuito de trabalhar esse tema na escola de ensino médio é, portanto, encorajar o compartilhamento de experiências a respeito disso, bem como assimilar conhecimentos que promovam autorreflexão com relação às responsabilidades diante das drogas.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é descrever as experiências de estudantes do curso de medicina e docentes participantes de um projeto de extensão nas intervenções educativas sobre prevenção de agravos e doenças no ambiente escolar.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência de acadêmicos e professores da Universidade Federal do Maranhão, engajados no projeto de extensão

intitulado “Ações interdisciplinares de educação em saúde na comunidade próxima à UFMA, em Pinheiro-MA”. As ações do projeto ocorreram entre os meses de Agosto e Dezembro do ano de 2017 em duas escolas municipais da cidade de Pinheiro, localizadas no bairro João Castelo, com crianças e adolescentes de 5 a 17 anos.

As ações foram estruturadas de modo a discorrer sobre temas de prevalência relevante às crianças e aos adolescentes. Assim, foram realizadas ações cujas temáticas compreendem “Educação no trânsito para crianças”, “Prevenção de parasitoses na infância”, “O aborto como questão de saúde pública”, “Combate ao uso de álcool e drogas lícitas e ilícitas” e “Educação sexual na adolescência”.

Antes da execução de cada ação, acadêmicos e professores participantes do projeto realizavam um levantamento teórico acerca do tema e, posteriormente, reuniam-se para a etapa de planejamento da atividade. Era traçado o perfil dos públicos, atentando-se para a faixa etária, seu contexto socioeconômico e demandas referentes à saúde. Além disso, buscou-se delinear suas possíveis perspectivas e questionamentos relacionados aos temas que seriam abordados. Com esses debates, a equipe deliberava qual a estratégia de educação seria mais adequada para cada ação, bem como os recursos materiais e audiovisuais que poderiam ser utilizados e de que forma a linguagem deveria ser adaptada ao público.

O projeto, então, visou trabalhar os temas de forma adequada a cada público, utilizando recursos audiovisuais e momentos dinâmicos apropriados às faixas etárias contempladas. Além disso, a sala de aula foi considerada um ambiente favorável para prática da educação em saúde com crianças e adolescentes, tendo em vista a disponibilidade de recursos e a facilidade para adesão do público.

Uma outra etapa crucial para a realização das atividades foi a articulação com os funcionários das escolas. Os integrantes do projeto de extensão contataram os diretores e secretários das escolas, a fim de discutir em quais grupos de escolares seria mais necessário abordar os temas das ações e como isso poderia ser feito. Essa comunicação permitia, ainda, que os acadêmicos conhecessem previamente a rotina dos alunos e o ambiente escolar que seria trabalhado.

As duas escolas, uma de ensino fundamental e a outra de ensino médio, dispunham de estruturas físicas e materiais favoráveis à realização das atividades, como quadro negro, projetor e computador portátil.

## RESULTADOS

O projeto de extensão “Ações interdisciplinares de educação em saúde na comunidade próxima à UFMA, em Pinheiro - MA” realizou atividades com crianças e adolescentes em duas escolas públicas, localizadas

no bairro João Castelo, em Pinheiro, Maranhão, Brasil. As ações educativas envolveram diferentes temáticas e alcançaram um público de, aproximadamente, 190 pessoas, entre crianças e adolescentes de 5 a 17 anos e os professores das escolas.

A primeira ação, intitulada “Educação no trânsito para crianças”, foi desenvolvida no dia 06 de outubro de 2017, com alunos do 1º ano do ensino fundamental. O encontro foi executado de forma dinâmica, entregando aos escolares atividades impressas que continham imagens para colorir, representações de sinais, situações e placas de trânsito. Após esse momento, foi feita a explanação do tema por meio de cartazes ilustrativos que também explicavam sobre as regras e sinais de trânsito importantes para a rotina das crianças enquanto pedestres, ciclistas ou passageiros de veículos. Por fim, os escolares foram divididos em dois grupos para a realização de uma atividade de colagem, na qual deveriam colar imagens nos espaços dos cartazes que indicavam determinadas placas, sinais e elementos fundamentais do trânsito (Figura 1). Durante todas essas etapas, as crianças eram encorajadas a compartilhar saberes e experiências acerca de sua vivência no trânsito, bem como a esclarecerem dúvidas.

Figura 1: Ação “Educação no trânsito para crianças”.



Fonte: Arquivo das autoras.

Na mesma escola, também foi realizada a ação “Prevenção de parasitoses na infância”, em 6 de novembro de 2017, em duas turmas do 3º ano do ensino fundamental. Os acadêmicos iniciaram o encontro questionando às crianças sobre os seus conhecimentos acerca das parasitoses e se já haviam adoecido por essas infecções, dando atenção especial para a utilização de termos como “verminoses” e “vermes”, para a melhor compreensão do público. Ademais, foram elaborados quadros explicativos em projetor para explicar aos alunos os conceitos, formas de transmissão, sintomatologia e profilaxia das principais helmintíases da região, que incluíam ascariíase, ancilostomíase, teníase, cisticercose e esquistossomose (Figura 2). Em seguida, os acadêmicos utilizaram álcool em gel para simular, junto às crianças, a técnica correta de lavagem das mãos. Esses recursos foram indispensáveis para a demonstração da importância de

prevenir as parasitoses na infância como uma estratégia de preservação da saúde.

Figura 2: Ação “Prevenção de parasitoses na infância”.



Fonte: Arquivo das autoras.

Os acadêmicos realizaram, ainda, uma roda de conversa com os alunos do 5º ano do ensino fundamental sobre “Combate ao uso de álcool e drogas lícitas e ilícitas”, no dia 8 de novembro de 2017. O encontro incluiu também um policial militar do Programa de Resistência às Drogas (PROERD). O debate centrou na importância da prevenção do uso de álcool e drogas por crianças e adolescentes, na análise dos fatores que predis põem os jovens a esse contexto e dos impactos que esses hábitos podem causar no futuro (Figura 3). Os extensionistas atentaram, especialmente, para o uso de uma linguagem compreensível para os pré-adolescentes, de forma a possibilitar a elucidação do assunto e fomentar o compartilhamento de experiências.

Figura 3: Ação “Combate ao uso de álcool e drogas lícitas e ilícitas”.



Fonte: Arquivo das autoras.

A sexualidade também foi um dos temas abordados pelo projeto. A partir da observação da realidade e articulação com a comunidade, percebeu-se a importância de debater esse assunto com adolescentes. Desse modo, as ações “Educação sexual na adolescência” e “O aborto como questão de saúde pública” foram desenvolvidas em dois encontros distintos, nos dias 7 e 10 de novembro de 2017, com estudantes do 1º ano do ensino médio de uma outra escola pública (Figura 4). Como recursos, foram utilizados slides com ilustrações e questionamentos que representavam os temas.

Figura 4: Ações “Educação sexual na adolescência” e “O aborto como questão de saúde pública”



Fonte: Arquivo das autoras.

A educação sexual foi abordada como um fator substancial para a prevenção da gravidez na adolescência e das infecções sexualmente transmissíveis. Ademais, os alunos foram instruídos acerca dos diferentes métodos contraceptivos. Por outro lado, a ação sobre aborto buscou conceituar o termo, além de orientar sobre os perigos de um aborto ilegal e informar sobre as questões polêmicas que envolvem o tema. Os estudantes foram, então, encorajados a esclarecer dúvidas, compartilhar ideias e desenvolver uma visão mais humanizada acerca das mulheres que praticam o aborto, sobretudo por tratar-se de uma decisão que envolve questões sociais, econômicas e psicológicas. Durante as ações, os acadêmicos buscaram tratar os temas de uma forma adaptada à realidade do público, ao passo que estimularam a visão de que a educação sexual também é uma questão de saúde pública e que os adolescentes podem ser proativos nesse processo. Sendo assim, foram utilizados termos-chave como “orientação”, “prevenção” e “autonomia”.

As ações nessas escolas almejavam debater e informar crianças e adolescentes sobre temas relevantes para a comunidade João Castelo. Apesar de tratar-se de assuntos diversos, que abrangiam desde acidentes de trânsito até educação sexual, as temáticas abordadas nas ações educativas apresentam impacto significativo nos indicadores de saúde do município de Pinheiro, Maranhão. Nesse sentido, os integrantes do projeto visaram trabalhá-las com os grupos mais vulneráveis a esses impactos, utilizando

recursos e linguagens adequados a cada faixa etária. Além disso, ao final de cada ação, o assunto em questão era recapitulado e a compreensão era reforçada por meio de esclarecimento de dúvidas.

## DISCUSSÃO

A educação em saúde constitui um conjunto de estratégias que visam promover a saúde, por meio de práticas educativas de aspecto participativo e emancipatório. Isso acontece com a “sensibilização, conscientização e mobilização para o enfrentamento de situações individuais e coletivas que influenciam na qualidade de vida, abrangendo os âmbitos político, filosófico, social, religioso e cultural referentes ao indivíduo e à comunidade” (SALCI et al, 2013).

Sendo a escola um dos pilares para a construção do senso crítico desde a infância, esse ambiente torna-se propício para a realização da educação em saúde. A promoção da saúde nesse cenário corrobora uma visão multidisciplinar e integral do ser humano, considerando-o em seu contexto familiar, cultural, comunitário, social e ambiental. Nesse sentido, as práticas educativas direcionadas a esse contexto devem envolver a problematização, discussão, reflexão das consequências nos planos individual e coletivo e autonomia para agir. Percebe-se, então, a “escola como um âmbito capaz de instigar a autonomia, a participação crítica e a criatividade do indivíduo enquanto promotor da própria saúde, valorizando-se as ideias de participação ativa e empoderamento dos estudantes”. No aprendizado da higiene, por exemplo, o espaço escolar é visto como local ideal para propagar a prática de hábitos higiênicos às crianças, que podem ampliá-los para o cenário familiar (CASEMIRO, DA FONSECA & SECCO, 2014).

No ambiente escolar, as práticas educativas devem contemplar a capacidade do sujeito cuidar de si e de agir em grupo, a valorização da subjetividade e intersubjetividade, o estímulo à participação, à comunicação e a utilização de estratégias que possibilitem a interdisciplinaridade entre diferentes áreas do conhecimento. Busca-se também “reverter o modelo biomédico e meramente assistencialista das ações, considerando-se a pluralidade dos sujeitos que compõem o cenário escolar e os diferentes contextos em que estão inseridos” (SILVA & BOLDSTEIN, 2016). Nesse contexto, a promoção do diálogo e do debate e o uso de novas tecnologias educativas e de atividades lúdicas emergem como “estratégias essenciais para o processo ensino-aprendizagem, construção da autonomia, participação ativa do público e interação entre os diferentes atores das ações” (GIJSEN & KAISER, 2013).

Em um trabalho realizado com adolescentes por um projeto de extensão universitária no município de Caucaia, no Ceará, que abordou o

consumo de álcool e drogas, percebeu-se que a discussão em grupo promove, de forma eficaz, o diálogo entre os diferentes atores da ação, ao passo que instiga os adolescentes a expressarem seus anseios e inquietações. Além disso, observou-se que a explanação compartilhada do tema permitiu ao público uma participação ativa no processo de construção do conhecimento (PEDROSA et al, 2015).

Sob essa perspectiva, percebe-se que as atividades educativas em saúde, desenvolvidas de forma unilateral, apenas com a transmissão do conhecimento para o público, não são suficientes para a mudança de comportamento do indivíduo e o estímulo à autonomia e à promoção da saúde. Ainda na infância e adolescência, é crucial fomentar a participação ativa de todos os integrantes da ação, de forma a proporcionar a partilha de conhecimento, a criação de vínculos e o pensamento crítico acerca das circunstâncias que envolvem o conceito de saúde. Nesse sentido, a realização de rodas de conversa e de atividades lúdicas e dinâmicas inserem-se como ferramentas essenciais para o fomento à interação.

Considerando esses aspectos, o projeto de extensão “Ações interdisciplinares de educação em saúde na comunidade próxima à UFMA, em Pinheiro - MA” desenvolveu atividades em duas escolas da cidade, com o intuito de proporcionar as benesses da educação em saúde a crianças e adolescentes da comunidade João Castelo, em Pinheiro, Maranhão. Apesar de as ações englobarem temáticas e faixas etárias distintas, os encontros priorizaram a promoção do debate e a realização de atividades lúdicas enquanto ferramentas indispensáveis para a integração entre os participantes e a partilha de conhecimentos.

Nas ações “Educação no trânsito para crianças”, o uso de ilustrações e de um momento dinâmico foi crucial para a interação das crianças e para o reforço dos conteúdos elucidados. A entrega de atividades impressas contendo imagens para colorir, além da atividade de colagem ao final do encontro, possibilitaram que os escolares visualizassem os principais sinais e placas de trânsito, bem como distinguissem entre situações de trânsito reprováveis e corretas.

O aumento da morbimortalidade, devido a essas ocorrências no trânsito, já é considerado uma “epidemia, face à sua extensão e consequências para o indivíduo, para a família e para a sociedade” (JOMAR, RIBEIRO & ABREU, 2011). A finalidade de discutir sobre isso consiste em sensibilizar as crianças sobre a importância do trânsito como parte integrante do cotidiano das pessoas em relação à sua necessidade de locomoção e ao convívio social no espaço público. Além disso, deve-se estimulá-los a “agir com consciência e responsabilidade, de modo a incitar a aquisição de posturas e atitudes seguras” (GOMES et al, 2015).

Com relação as parasitoses intestinais, Pedraza (2014) relata que, “nos menores de cinco anos, os índices de morte e diarreia aguda são alarmantes, principalmente naqueles que são assistidos em creches e escolas”. Consta-se, além disso, que o “agrupamento destas, como ocorre

no ambiente escolar, representa um fator favorável à disseminação de parasitoses” (REBOLLA et al, 2016).

Na atividade educativa sobre a prevenção de parasitoses, a apresentação com slides que continham ilustrações sobre os agentes etiológicos e a sintomatologia das doenças contribuiu para que os alunos reconhecessem os riscos das infecções parasitárias, além de identificarem situações diárias que os predispõem a esses agravos. Com isso, a dinâmica de lavagem das mãos despertou ainda mais interesse no público e consistiu em um momento de interação entre os acadêmicos e as crianças. A integração entre essas etapas fomentou o vínculo entre os participantes das ações, ao passo que estimulou os escolares a questionarem e a compartilhar perspectivas e vivências relativas aos temas.

Nessas duas ações, o ambiente da sala de aula foi fundamental para a interação entre os alunos, que se mostraram mais confortáveis para as atividades em grupos ou em duplas e para a partilha de ideias entre si. Além disso, a presença das professoras e do diretor da escola auxiliou os acadêmicos a organizarem as ações e a manterem as crianças em ordem e atentas aos conteúdos abordados. A disponibilidade de diferentes recursos dentro da sala, como o projetor e um mural para cartazes, também foram importantes para o estímulo à dinamicidade das ações.

Em contrapartida, as atividades sobre “Combate ao uso de álcool e drogas lícitas e ilícitas”, “Educação sexual na adolescência” e “O aborto como questão de saúde pública” trataram temáticas que precisavam ser debatidas com pré-adolescentes e adolescentes. Dessa forma, os encontros centraram-se na conversa com os estudantes e iniciavam com questionamentos acerca de seus conhecimentos sobre os assuntos.

Esse momento, associado ao uso de uma linguagem adequada pelos acadêmicos, facilitou a elucidação dos temas e a promoção da reflexão pelos alunos. Os participantes puderam expor suas opiniões e experiências pessoais relacionadas ao uso de drogas e álcool, gravidez na adolescência, infecções sexualmente transmissíveis e aborto. Ainda que consistam em questões polêmicas, os debates encorajaram os estudantes a tratá-las de forma mais humanizada e empática. Além disso, ao final dos encontros, foi corroborada a ideia de que os pré-adolescentes e adolescentes podem exercer sua autonomia na busca pela saúde e prevenção de agravos.

Por serem temas de grande relevância na realidade dos adolescentes, os alunos mostraram-se bastante interessados nos debates promovidos nas ações. No entanto, as questões políticas, sociais e religiosas que perpassam por esses assuntos, sobretudo sobre o aborto e o uso de álcool e drogas, desencadearam o embate e a discordância de opiniões entre o público. Ademais, a conversa gerou agitação entre os adolescentes, que ansiavam por esclarecer dúvidas ou compartilhar experiências, fazendo necessária a intervenção dos professores presentes em sala de aula para a manutenção da ordem durante as ações.

Resultados semelhantes foram obtidos em uma pesquisa quanti-

tativa realizada em três escolas públicas do Ceará, em que os adolescentes consultados identificaram a sexualidade, o uso de álcool e drogas e os métodos contraceptivos como temas mais interessantes a serem trabalhados nas ações educativas. Essa pesquisa também corroborou para a ideia de que essas atividades devem focar no dinamismo, diálogo e escuta das opiniões e experiências dos adolescentes acerca dos assuntos (LEITE et al, 2014).

Essas práticas educativas desenvolvidas pelo projeto demonstraram a relevância do debate e das atividades dinâmicas como estratégias para a educação em saúde nas escolas. Essas ferramentas foram adaptadas às demandas e à realidade de cada faixa etária, o que contribuiu, de forma ímpar, para a interação entre os discentes, docentes e o público e a participação ativa no processo de aprendizagem. Ressalta-se, ainda, a importância do ambiente da sala de aula para a dinamicidade dos encontros e a boa adesão do público.

Ademais, os recursos utilizados favoreceram a explanação dos temas, além de estimularem a construção mútua de conhecimento, compartilhamento de vivências e a confirmação da efetividade das ações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades do projeto de extensão “Ações Interdisciplinares de Educação em Saúde na comunidade próxima à UFMA, em Pinheiro - MA” corroboraram a perspectiva de que as ações educativas em saúde constituem importante estratégia de sensibilização da sociedade acerca dos conhecimentos sobre saúde, autocuidado e qualidade de vida. Além disso, possibilitaram o vínculo e a aproximação entre a comunidade trabalhada e os acadêmicos. No ambiente escolar, essas ações foram ainda mais promissoras, visto a adesão do público e a disponibilidade de recursos que tornaram as atividades mais dinâmicas e interativas.

Tratar temas relevantes à realidade das crianças e adolescentes, associado ao uso de ferramentas educativas adequadas a cada faixa etária, foi crucial para a efetividade das ações. Essas estratégias fomentaram o debate entre os participantes e o compartilhamento de experiências e conhecimentos, além de encorajarem o esclarecimento de dúvidas e a participação nas atividades dinâmicas.

Com isso, tais ações educativas elucidaram aos públicos contemplados sobre situações e agravos de saúde prevalentes em seu contexto, ao passo que incitaram à compreensão de que a promoção à saúde, a prevenção de danos e a busca pela qualidade de vida são medidas que podem ser adotadas ainda na infância e na adolescência.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISCARDE, D. G. D. S.; PEREIRA-SANTOS, M.; SILVA, L. B. Formação em saúde, extensão universitária e Sistema Único de Saúde (SUS): conexões necessárias entre conhecimento e intervenção centradas na realidade e repercussões no processo formativo. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*. v. 18, p. 177-186, 2014.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Lei de diretrizes e Bases da Educação n.º 12.796, de 04 de abril de 2013.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil / Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007.
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 131p.
- CARNEIRO, R. F. et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. *SANARE-Revista de Políticas Públicas*, v. 14, p. 104-108, 2015.
- CASEMIRO, J. P.; DA FONSECA, A. B. C.; SECCO, F. V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, p. 829-840, 2014.
- FONSECA, F. F. et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Rev. paul. pediatri.*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 258-264, June 2013. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So103-05822013000200019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-05822013000200019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 02/07/2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-05822013000200019>.
- GIJSEN, L. I. P. S.; KAISER, D. E. Enfermagem e educação em saúde em escolas no Brasil: revisão integrativa de literatura. *Ciência, cuidado e saúde*, v. 12, n.4, out./dez. 2013.
- GOMES, A. M. et al. Refletindo sobre as práticas de educação em saúde com crianças e adolescentes no espaço escolar: um relato de extensão. *Revista Conexão UEPG*, v. 11, n. 3, 2015.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. Pinheiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/pinheiro>
- JOMAR, R. T., RIBEIRO, M. R., ABREU, A. M. M. Educação em saúde para adolescentes estudantes do ensino médio. *Esc. Anna Nery*, v. 15, n.1, p. 186-189, 2011.
- LEITE, C. T. et al. Prática de educação em saúde percebida por escolares. *Cogitare Enfermagem*, v. 19, n. 1, 2014.
- LUCERO, T. et al. Parasitosis intestinal y factores de riesgo en niños de los asentamientos subnormales, Florencia-Caquetá, Colombia. *Rev Fac Nac Salud Pública [Internet]*. 2015;33(2):171–80. Available from: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So120-386X2015000200004&lng=pt&nrm=iso&lng=ES](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So120-386X2015000200004&lng=pt&nrm=iso&lng=ES)
- Ministério da Saúde. DATASUS: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/sanma.def>. Acesso em: 01/07/2018
- Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Glossário temático: gestão do trabalho e da educação na saúde. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2009.
- Ministério da Saúde. Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/censo/cnv/alfma.def>>. Acesso em: 27/08/2018.
- Ministério da Saúde. Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/sanma.def>>. Acesso em: 27/08/2018.
- PEDRAZA D.F, QUEIROZ D.; SALES M. C. Doenças infecciosas em crianças pré escolares brasileiras assistidas em creches. *Cien Saude Colet [Internet]*. 2014;19(2):511–28. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232014000200511&lng=pt&nrm=iso&lng=em](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000200511&lng=pt&nrm=iso&lng=em)
- PEDROSA, S. C. et al. Educação em saúde com adolescentes acerca do uso de álcool e outras drogas. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 2015.
- PEREIRA, S. E. F. N.; ENI, F. N. Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social: Articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. *Aconchego*, v. 1, p. 21, 2013.
- PINHEIRO, Bethina Luiza; DA CRUZ, IlanaLeonardi; CHESANI, Fabiola Hermes. Extensão universitária: os estilos de pensamento na área da saúde no Brasil. *Revista de Educação Popular*, v. 15, n. 1, p. 91-106, 2016.
- REBOLLA, M. F. et al. High prevalence of Blastocystis spp. infection in children and staff members attending public urban schools in São Paulo state, Brazil. *Rev Inst Med Trop Sao Paulo*. 2016; 58(2):31.
- SALCI, M. A. et al. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 22, n.1, 2013.

SILVA, C. S.; BODSTEIN, R. C. A. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, p. 1777-1788, 2016.

SOUSA, M. C.; ESPERIDIAO, M. A.; MEDINA, M. G. A intersetorialidade no Programa Saúde na Escola: avaliação do processo político-gerencial e das práticas de trabalho. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1781-1790, June 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232017002601781&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002601781&lng=en&nrm=iso)>. Access on 02 July 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017226.24.262016>.

STRECK, E. L.; SALVADOR, S. Parasitoses em crianças: uma revisão bibliográfica dos casos na América Latina. *Inova Saúde*, v. 6, n. 2, p. 88-97, 2018.

VIERO, V. D. S. F. et al. Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 19, n. 3, p. 484-490, 2015.